

O VIMARANENSE.

PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS FEIRAS.

PREÇO DA ASSIGNATURA. — Por anno, ou 48 numeros 1\$200 — (com estampilha) 1\$440 rs. — Anuncios por linha 25 — Repetidos 20. — Corres-pondencias 30 rs. — para os senhores Assignantes 20 réis. — Folha avulso 40 rs.

GUIMARÃES 6 DE JULHO.

Recebemos de Vizella uma bem elaborada correspondencia, que em seguida publicamos.

Agradecemos ao douto banhista o seu mimoso trabalho, sentindo do coração que o não quizesse auctorisar com o seu respeitavel nome; todavia, se é certo que pelo fructo se conhece a arvore, facilmente poderão os nossos leitores conhecer o escriptor que á facilidade da dicção juntou a amenidade do estilo e propriedade dos termos, mostrando em tudo que é pessoa muito competente para tractar esta importante materia.

A correspondencia ahí vai: pedimos aos nossos leitores que lhe prestem toda a attenção e que emendem no futuro os erros do passado, elegendo uma camara que reúna as condições necessarias para dar impulso a melhoramentos d'esta ordem.

Snr. Redactor.

Chegou-me tarde á mão o n.º 5 do seu periodico, datado de 9 do corrente: e ao lêr o primeiro artigo acudiram-me muitas reflexões, das quaes vou vêr se posso coordenar algumas, para as dar de presente aos seus leitores, no caso, já se entende.

TENTATIVA DE SUICIDIO.

Tedio da vida concebeu minh'alma.

GARRET.

Ditoso rouxinol! Como contente
Desprendes t'esse ramo sons tão meigos!
De gozo embevecido, só te importa
Teu canto alardear, os teus amores.
Mas sabes se escutar posso esse canto,
Que o de Julia semelha na doçura?
Sabes se por desprezos d'essa ingrata
Eu tenho o coração despedaçado?
Um pomposo jardim além fulgora
Com lagos de crystal, vigoros mirtos;
A elle vóa pois, com teus gorgeios
Os felizes do mundo lá encanta,
Nem mais venhas aqui trinar alegre,
Que esse alegre trinar a dôr me azeda;
N'esta umbrosa floresta ouvir só quero
D'aquella catadupa o triste ronco.
Mas ah! bem hajas tu que me intendeste,
Bem hajas, rouxinol, que já teu vôo
Diriges para lá, e a sós me deixas
N'este asylo de paz, em que me acito.

Como aqui entre as urzes da selva,
Sempre aos raios do sol escondida,
Tu vieste, primor de natura,
Despontar tam louça e garrida!

Não bastava o cantor da floresta
Os gorgeios da ingrata a imitar,
Tambem tu da espessura nas sombras
Suas graças me vens recordar?

de vêr que ellas merecem a pena de vêr a luz publica.

Diz o artigo: — que os melhoramentos de que o municipio de Guimarães carece, hão-de impreterivelmente realizar-se mais tarde ou mais cedo; mas que essa realisação exige sacrificios da parte do povo, que ha-de lucrar com elles.

Parece-me, snr. redactor, que o jornalismo abusa muito e muito inconvenientemente da palavra *sacrificio*, intimidando por este modo muita gente, o maior numero, que não vê senão o que tem diante dos olhos. Parecia-me bem que a imprensa periodica procurasse sempre mostrar ao povo as vantagens mais ou menos remotas, mais ou menos indirectas, que a sociedade devem provir dos adiantamentos, dos gastos ou das contribuições, com que cada cidadão é obrigado a concorrer, conforme as suas posses. O lavrador que lança a terra a semente para d'ahi a poucos mezes a recolher centuplicada faria um sacrificio? O artista que compra por baixo preço o ferro, por exemplo, com que faz preciosos instrumentos de trabalho os quaes vende por preço muito mais elevado, não chama de certo sacrificio o adiantamento que teve de fazer para obter a materia prima. Tambem não faz sacrificio o capitalista quando empresta o seu

dinheiro com as devidas seguranças, para lhe render annualmente 5 ou 6 por cento. Ninguem tambem se lembra que faz um sacrificio quando compra a roupa com que se veste, o alimento com que se nutre, os cavallos em que passeia, os bilhetes do theatro onde se diverte &c. &c. E o dinheiro com que se contribue para fazer boas estradas, para illuminar as povoações, para plantar arvoredos que embelezam as praças e passeios publicos, e para muitas cousas de conveniencia geral, será um sacrificio? Para colher é preciso semear, e ninguem deixa de semear por ter medo que os passaros lhe comam a semente.

Se descermos a especialidades, nota-se com muita razão o abandono em que tem estado as caldas de Vizella, em relação a obras uteis, e até necessarias. Estranha-se a negligencia com que se tem deixado arruinar o banho frio do Mourisco, e a falta de uma ponte que facilite encurtando a passagem da Lameira para o Mourisco. d'estas faltas e de muitas outras, como concerto de caminhos, conservação e limpeza do passeio e alameda da Lameira, entretenimento da agua no chafariz central, reparação de bancos &c. não sei se deva queixar-me tanto do desmazello das camaras municipaes de Guimarães, como

Roza, roza d'amor, como és bella!
A mulher que idolatro é assim;
Teus perfumes respira dos labios,
Tem nas faces teu rubro setim.

Mas de roxo a seus pés, eu debalde
Lhe offerci todo o amor de meu peito,
Como tu tem espiñhos d'orgulho.
Meus suspiros pagou com despeito.

Linda roza! nem mais quero vêr-te,
Que és de Julia retrato fiel;
Tu encantas e feres como ella;
E's como ella formosa e cruel.

Infeliz! nem sequer n'este bosque.
Para onde do mundo fugi,
Poderei olvidal-a um momento,
E o socego encontrar, que perdi?

Que deserto haverá no universo
Onde apague a lembrança fatal!
Sim, aiem... através d'esses ramos
Eu diviso espaçoso areal...

Oh! aprazme a soidão d'essa praia,
Entretem-me a peleja das vagas;
Adeus roza, adeus bosque, eu vos deixo,
Que mais fundas abris minhas chagas.

N'esta praia solitaria
Onde morre o undozo pego,
Talvez ache emfim socego
Meu afflicto coração;
Aqui longe d'essa ingrata,
A quem dei tão terno amor,

Posso o allivio achar á dôr,
Que eu ha tanto busco em vão.

Flor mimosa aqui não brilha,
Que semelhe essa deidade,
N'esta grata soledade
Nada a pôde recordar.
Só d'aqui lá para as nuvens
Esta serra vejo erguer-se,
Só d'alli vejo estender-se
Para longe o vasto mar.

Como a vista se me perde
N'esse pelago espaçoso!
Infinito o plaino aquoso
A meus olhos se figura.
Infinito oh! tambem era
Este amor que a Julia eu dava,
Mas a ingrata desprezava
Minha fervida ternura.

Lá do mar voando as brizas,
N'essa rocha estão gemendo,
E amolgal-a não podendo,
Tristes fogem pelos ares.
Oh! tambem eu terno e meigo
Suspirava junto á bella,
Mas jámais calarão n'ella
Meus suspiros a milhares.

Já banhar a dura penha
Vem as ondas enfunadas,
Porém n'ella espedaçadas,
Para o mar lá vão tornando;
Oh! tambem aos pés da ingrata
Pranto em ondas eu vertia,

da inercia, indolencia, egoismo e mangos-
to da gente das Caldas, que aliás tem mui-
to boas qualidades.

Mas a emenda de todas estas faltas pou-
co ou nada custa: um mez ou menos de
trabalho bem dirigido, com a despeza de
200\$000 réis ou pouco mais, remedeava
tudo. Isto porém não basta: é preciso que
nas Caldas de Vizella haja um estabeleci-
mento de banhos, como merece a rique-
za e variedade das suas aguas, como con-
vida a amenidade e belleza do paiz, e
como exige o curativo das muitas enfer-
midades, que só aqui podem achar o seu
melhor remedio.

A iniciativa para esta obra deve partir
da camara municipal de Guimarães: é el-
la, que sem mais considerações do que as
do bem publico, deve incumbir a um ha-
bil engenheiro o levantamento de uma
planta para um estabelecimento de banhos
no sitio da Laureira, com as seguintes
condições: 1.º de se, no espaço de tres
minutos, apromptar um banho sulfureo
fresco, da temperatura que se quizer entre
30.º e 45.º centigrados; 2.º de haver ba-
nhos publicos das mesmas temperaturas
para a gente pobre que não pôde pagar;
3.º de haver banhos de jacto, ou como
vulgarmente se diz, de bomba ou de em-
barcação, de diversas temperaturas, de di-
versas alturas e de diversas direcções.

Feita a planta e o orçamento, a camara
approvando o projecto do estabelecimen-
to, deve immediatamente solicitar do
corpo legislativo auctorisação para con-
trahir um empréstimo, destinado exclusi-
vamente para a construcção do estabele-
cimento de banhos. Para pagamento dos ju-
ros, amortisação do capital do emprés-
timo, e despezas d'administração, terá a
camara meios sufficientes na retribuição
ou preço de cada banho.

Com facilidade pôde a camara obter da-
dos estatísticos muito aproximados, pelos
quaes verificará, que vem annualmente a

Vizella 600 pessoas fazer uso das aguas
sulfureas; — seis centas pessoas nas cir-
cunstancias de pagar. Cada pessoa toma,
termo medio, 30 banhos. Se o preço de
cada banho fôr 160 réis, terá assim uma
receita de 2:888\$000 mil réis, que che-
garia para juros, modica amortisação no
principio, e despezas de administração,
suppondo que as despezas de construcção
chegam ao maximo de 20 contos.

Deve porém attender-se, que depois de
feito o estabelecimento como é possível,
e concluidas as estradas, que estão em
andamento, e alguma a completar-se, for-
çosamente hão-de affluir a Vizella muitos
mais banhistas e não haverá exaggeração
em contar que durante um anno se to-
mem aqui 30\$000 banhos retribuidos, o
que fará uma receita de 4:800\$000 réis.
É quando chegar a receita a esta altura,
a verba dos juros será menor, porque já
deve ter havido amortisações, e poderá
então diminuir-se o preço dos banhos.

Aqui tem pois, snr. redactor, um me-
lhoramento de absoluta necessidade, que
se pôde levar a effeito sem sacrificio do
poro, e até sem sacrificio dos banhistas,
que antes querem tomar banho a horas
commodas, com toda a limpeza, em um
apósito aciado e agasalhado, que lhes
não faça nojo, nem os constipe, embora
lhes custe 160 réis, do que tomal-o a des-
horas, quasi sempre em segunda mão, em
apósitos immundos e mal vedados.

Podia fazer ainda notar, que a receita
municipal dos impostos indirectos — na
carne, no vinho &c. augmenta com a af-
fluencia dos banhistas: é preciso porém,
não cançar a paciencia dos leitores com
artigos estirados.

Vizella — dia de S. João de 1859.

Um banhista.

No logar competente mandamos inseri-
r uma carta do snr. dr. Carneiro, que re-
cebemos pelo correio.

O snr. doutor julgou, talvez, que escre-
via a um dos seus creados quando na sua
carta nos diz —; se o são diga no seu
jornal que sim; se o não são diga que
não porque entre estas duas cousas não
admitto meio termo. — Lembrando ao sr.
doutor que não pertencemos á phalange
dos seus creados, pedimos-lhe que tenha
a bondade de *admittir* a seguinte resposta:
As allusões do primeiro artigo do n.º
7 d'este periodico referem-se ao grosseiro
e insolente auctor da correspondencia ano-
nyma, que se acha inserta no n.º 141 do
Braz Tisana, como no referido artigo de-
clarámos muito terminantemente.

E' ao snr. dr. Carneiro, e não a nós,
que compete declarar se aquella corres-
pondencia é, ou não, obra sua. Pedimos-
lhe que o faça, porque, no primeiro caso,
queremos responder-lhe.

Snr. Redactor.

Rogo-lhe queira declarar mui terminan-
temente, e sem tergiversação, no proxi-
mo numero do seu jornal, se as allusões
contidas no primeiro artigo do numero 7
do mesmo jornal, de 30 do mez passado,
são dirigidas a mim, ou não; se o são
diga no seu jornal que sim; se o não são
diga que não, porque entre estas duas
cousas não admitto meio termo.

Publicando esta minha carta no seu
numero de quinta feira proxima, espero
que em seguida terá a franqueza de sa-
tisfazer ao que peço.

Sou
Venerador attento

Antonio Alves Carneiro.

Guimarães 4 de Julho de 1859.

Mas a barbara se ria
De me ver assim chorando

Desditoso! se de Julia
Nada aqui lembra a belleza,
Lembra a rocha a atroz dureza
De seu peito alabastro.
Eu me ausento, que mais vel-a
Já não posso um só momento,
Ella aviva o meu tormento,
Ella encerra o meu destino.

Mas que faço! em tão me ausento,
Que não ha por esse mundo
Um asylo, um antro fundo,
Onde eu ache branda paz.
Ar de mim! e sem esperança
Hei-de contorcer-me afflicto!
Milha dôr, ouço o teu grito,
Não sou cobarde, verás...

Vencite, alto rochedo, enfim vencite,
Formidavel colosso:
Porfiada foi a luta, mas valente
O teu cimo vinguei, e o abysmo ingente
D'aqui medir já posso.

Como é profundo o mar, que os pés te beija!
Que cavernas encerra!
Agora sim, no seio d'essas agoas
Eu posso adormecer as minhas magoas,
Por termo a esta guerra.

E quem me veda que artemesse as ondas
Estes grillhões da vida!

Não sou livre? devo eu a um poste prezo,
Supportar sempre insupportavel pezo,
Soffrer dôr insoffrida?

Recibe-me, onda altiva, e lá do pego
N'um antro me sepulta;
Ou antes, meu cadaver váe piedosa
N'essa praia depôr, onde diosa
A ingrata agora exulta.

Mas ah! que vejo! que pesada nuvem
Tão negra entuta os ares!..
Rijo trovão este penedo abala...
Fuzilando já perto o raio estala...
Sao serras esses mares...

Céos! d'assim attentar contra a existencia
Me punis o desejo?
Não, não temo o bramir da tempestade,
Mas temo d'apôrtar na eternidade,
Que tremenda já vejo...

E por uma mulher, por uma ingrata
Ousei tanto, ó meu Deus!
Ah! n'esta rocha o teu poder adoro,
De joelhos aqui perdão te imploro,
Escuta os rogos meus...

Que bello despontas,
O' iris d'esperança!
Que meigo derramas
Tão doce bonança!

Do brando favonio
Ao som mavioso

As ondas já dormem
No leito arenoso.

E como a tormenta
No pego amamou,
Assim em meu peito
A dôr serenou.

Ha pouco morria
Por essa mulher,
E agora um suspiro
Nem solto sequer.

Meu Deus, que os negrumes
Em brilho tornaste,
E lavas do inferno
N'est'alma apagaste!

Meu Deus! como és grande!
Que immenso é teu sceptro!
Quem para louvar-te
Terá digno plectro!

O alcion á flor d'agua
Contente boiando,
Um hymno de gloria
Te vac já cantando.

Não posso imital-o
Nos sons que varia,
E rouco o meu canto,
Não tem melodia.

Mas eu te dou graças,
E juro, Senhor,
Que a ti, não a ella,
Darei meu amor.

RELATORIO DA SOCIEDADE AGRICOLA.

(Conclusão).

6.º

Muitas outras culturas devem e podem introduzir-se no districto com a certeza da sua aclimação, porque o nosso solo é felizmente omniproductivo. Sem descer á especificação d'ellas, lembra a sociedade como duas das mais importantes o sorgo sacharino, que se presta a diversas e uteis applicações, e o linho de Nova-Zelandia, proprio para os mais finos estofos.

Outras culturas proveitosas se acham já introduzidas no districto, as quaes comtudo pela sua escassez e raridade são quasi totalmente desconhecidas, convido por isso propagal-as. Merecem entre essas especial menção os trigos vulgarmente chamados rijo-molar e gigante do Alemejo, e os linhos de Canhamo e de Riga, que fornecem á industria fabril materia prima para variadas manufacturas.

Pelo esboço que esta sociedade acaba de fazer, póde o governo de Vossa Magestade avaliar do atrazo deploravel da agricultura d'este districto, e da necessidade de a fomentar.

A agricultura é sem duvida o ramo mais útil da industria do homem. E se em abstracto é inconeussa esta verdade, muito mais o é em concreto, com applicação ao nosso paiz, que é essencialmente agricola, cuja maior riqueza reside e germina nas entranhas fecundas da terra.

Senhor! O Creator dotando a provincia do Minho com um ceu tão diaphano, com um ambiente tão puro, um clima tão ameno, um solo tão pingue, montanhas tão pittorescas e rios tão fertilisadores como as agoas do Nido, quiz de certo conceder-lhe a dupla primazia da formosura e da riqueza.

Mas os nossos agricultores, que nem sequer tem os rudimentos da educação technica, que desconhecem os instrumentos agrarios aperfeiçoados e os ultimamente inventados, não aproveitam como podem e devem da regia munificencia da natureza.

Ignorando os methodos aconselhados pela agronomia moderna, e já realizados com feliz exito nos paizes cultos, observam sempre na cultura das terras a rotina em geral anachronicamente absurda dos seus antepassados.

Entretanto que lá fóra a agricultura progrediu desassombrada a largos passos no caminho dos melhoramentos racionais, aqui estacionou fatalmente diante das columnas de Hercules da retina, a ponto de ser mister improbo trabalho para alcançar produção comparativamente diminuta.

Diffundir a instrução agricola é pois uma necessidade instantea.

O nosso povo porém naturalmente desconfiado, instinctivamente meticoloso não se convence senão pela logica inexoravel dos factos, que recahem sob a sua inspecção occular.

O decreto n.º 12 de 16 de Dezembro de 1852, conhecendo isto, mandou no artigo 2.º do tit. 1.º crear em cada uma das antigas provincias do reino, pelo menos, uma quinta de ensino, destinada a formar abegoos, maiores, e quinteiros instruidos.

Infelizmente esse decreto, que ha 6 annos se acha publicado, ainda não teve execução n'esta provincia, onde não ha uma só quinta d'ensino.

Mas a creação n'esta provincia d'uma d'essas quintas não é sufficiente para satisfazer as exigencias da instrução, e por isso, além d'ella, convém crear n'esta cidade uma escola regional.

O referido decreto apenas mandou crear tres escolas regionaes em todo o reino: uma em Lisboa; outra em Viseu, e a terceira em Evora; mas não dotar com uma d'essas escolas a provincia do Minho, de todas as do paiz a mais agricola, foi grave injustiça, que cumpre reparar.

A distancia, a que a lei collocou qualquer das escolas, impede indirectamente a sua frequencia por alumnos d'esta provincia. A frequencia demandaria grandes despezas, e todos sabem, que só os individuos pertencentes ás classes menos favorecidas da fortuna se dedicam ao estudo publico d'este importante ramo do saber humano.

Senhor! Esta sociedade cumpre um imperioso dever, lembrando com o devido respeito a Vossa Magestade a conveniencia de proteger a industria agricola, de todas a menos favorecida, ou melhor diremos, a unica que não recebe favores das leis actuaes. Entre estas ha uma, que carece da prompta reforma: é a do recrutamento, de 27 de Julho de 1855.

A equidade e os interesses da lavoura reclamam a isenção d'um filho d'um lavrador, que só tem um, ou que tendo mais esteja algum d'elles em serviço no exercito.

Senhor! Muitos meios ha de insufflar vitalidade na nossa agricultura para a despertar da atonia em que ja.

Esses meios não os ignora o governo de Vossa Magestade, ao qual cumpre o seu emprego, prompto, diligente, e energico. A iniciativa individual é n'este caso, só por si, fraca e impotente.

Esta sociedade pela sua parte fará o que comportarem as suas debéis forças e acanhados recursos.

Desojos vehementes de vêr fulgir no horizonte da agricultura nacional o sol esplendido da sua regeneração, não lhe faltam, sobejam-lhe. Sirva de prova a resolução tomada na sessão de 19 do proximo passado mez de Novembro.

Reconhecendo esta sociedade que, entre os meios que podem concorrer para o aperfeiçoamento da industria agricola, um dos mais poderosos é o das exposições, resolveu promover uma no futuro anno de 1861.

Como porém a realisação d'este pensamento exigirá graves despezas, que a sociedade só por si não poderá costear, e como o art. 1.º do decreto n.º 3 de 16 de Dezembro de 1852 mandou celebrar exposições annuaes de gados de todos os generos em cada um dos districtos administrativos do reino e ilhas adjacentes, incumbindo ás juntas geraes votar a somma necessaria para premios, deliberou-se que esta sociedade de combinação com a Junta Geral do Districto ampliasse a area da exposição a todos os productos agricolas do mesmo districto, preenchendo-se por via de subscrição entre seus membros a cifra necessaria.

D'esta sorte cumprirá a Junta o preceito legal, que até hoje não cumpriu, e esta sociedade executará o seu pensamento, que reputa fértil em incitamentos proveitosos á agricultura do districto.

Deus Guarde a Vossa Magestade. — Braga 3 de Janeiro de 1859.

POESIAS

RECITADAS NA NOITE DO DIA 29 DE JUNHO

NO

THEATRO DE D. AFFONSO HENRIQUES

Eu tremi pela virgem do campo
No abandono do amante infiel,
Vi tragar-lhe na taça de fel
Todo o amargo no intenso da dôr.
Eu tremi que o fatal desengano
Da rival encarando a ventura,
Lhe cavasse a fatal sepultura,
A lançasse da morte no horror!

E maldisse do vil scelerado,
Que por ouro esqueceu terna amante,
Blasphemei d'esse nobre inconstante,
D'esse infame, do vil, do traidor.
E folguei quando o vi na miseria
Co' a riqueza a soberba fugir-lhe,
A vaidade de nobre cahir-lhe,
Justa pena d'um Deus vingador.

E folguei que essa amante comprada
Lhe cuspiisse o desprezo no rosto,
E sorrisse de vêl-o disposto
A findar essa vida d'horror.
Mas ó pasmo! essa virgem sublime,
Que no faustio o cruel desprezara,

Na miseria essa vida lhe ampara,
Dá-lhe a vida e lhe dá seu amor.

Oh! força da scena, divina illusão,
De que inda minh'alma conserva saudade!
Tu eras pr'a mim já tão forte verdade,
Que em mim despertaste reccio e rancor!
Tremi, odiei... porque ao vivo pintadas
Tão vivas paixões sobre a tela encontrei;
Que fosse lieção eu não cri... dovidei...
Julguei vêr real esse quadro d'horror!

Oh! salve, Cardozo, que tão bem soubeste
Mover o pincel, e pintar taes paixões;
No mago condão d'essas tuas ficções
Quem pinta mais forte? quem pinta melhor?
Feliz Guimarães! já tens novo laurel,
De jubilo exulta por ter um tal filho,
Que illustra teu nome, e augmenta teu brilho
Da Virgem do Campo tão distincto auctor,

João Luiz Corrêa Junior.

AO AUCTOR DA VIRGEM DO CAMPO.

Lucta medonha de paixões extremas
Lá sobre o palco bem tremenda vi;
Do campo a virgem, creação suprema,
Desfeita em prantos, a chorar alli.

Pungia-me o coração; gemi com ella;
Meu peito retalhou amarga dôr;
N'esse abandono vendo-a soçobrando,
E tão mal pago ser seu puro amor!

Que lieções de moral alli fulgiram,
N'esse quadro por habil mão traçado!
Que d'Urbino o pincel fóra mesquinho,
Só a Cardozo tanto fóra dado.

Berço do grande Affonso, um tropheo novo
Aos antigos tropheos junta gostoso;
Tens para o nobre orgulho um filho exímio,
Da Virgem no auctor, sem par Cardozo.

Francisco Joaquim Moreira de Sá.

INTERIOR.

Já está lavrado o decreto, que permite a livre introdução do milho estrangeiro por todos os portos do reino até o fim d'Agosto. Era uma necessidade geralmente reconhecida, porque se ia sentiado nos mercados a falta d'este genero alimenticio. Bom será, que as auctoridades administrativas dêem a maior publicidade a este decreto, para se evitarem acontecimentos desastrados, como o que no sabado ultimo presenciou esta nossa terra!

Em Lisboa teve logar o julgamento dos snrs. Azevedo Vieira, ex-guarda-mór da Relação do Porto, e Ribeiro de Sá ex-chefe d'uma repartição das obras publicas accusados do crime de corrupção o burla. Foram absolvidos por unanimidade. Ilustres personagens, taes, como o duque de Saldanha, Visconde da Luz e Castro, e Avila, depozeram, como testemunhas a favor dos réos.

Publicou-se um decreto, que manda pôr em vigor, desde o 1.º de Janeiro do anno proximo em Lisboa, e desde o 1.º de Março nas provincias, o novo systema metrico decimal, mas só pelo que respeita ás medidas lineares.

Novidades d'interesse não se encontram.

EXTERRA.

Mais uma pagina se tingiu de sangue no livro da historia: a batalha de Solferino ha-de ficar memorada, como um grande holocausto humano. Já são conhecidas as perdas dos dois exercitos: horrorosa! Mas... Os austriacos tiveram 23.000 homens fóra do combate, os francezes 12.000, sendo 150 officiaes mortos, 570 feridos, 5 generaes e 7 coroneis tambem feridos; os sardos perderam 5.525 homens mortos, feridos e prisioneiros; tudo prefaz a cifra enorme de 40.000 homens fóra do combate!!! Os austriacos perderam tambem 6.000 prisioneiros, e 30 peças d'artilheria.

O exercito alliado atravessou o Mincio; os sardos investem Peschiera, e Napoleão, deixando um corpo d'exercito para observar Mantua, outro em Brescia para vigiar a passagem do Tirol, avança sobre Verona depois de fazer junção com 35.000 homens do corpo do principe Napoleão. A Prussia mobilizou os corpos d'exercito, e propoz, á Dieta de Francfort a concentração do exercito federal sobre o Rheno. A Dieta approvou a proposta.

Receiam-se novas complicações, e que a guerra se generalise. Deus affaste tão ruim agoiro!...

NOTICIARIO.

CHRONICA RELIGIOSA. — No dia 29 do mez passado festejou-se na sua igreja, o Principe dos Apostolos; a Pedra angular da nossa religião, o 1.º bispo da Christandade — S. Pedro. A festa esteve boa, e nada deixou a desejar; orou o revd.º Padre José Leite de Faria Sampaio.

Na sexta feira 1.º do corrente celebrou-se na igreja de S. Damaso a festa do Cordão e Chagas. Orou o revd.º abbade de Gondalães.

ROMARIA. — No domingo 3 foi a celebre romaria de S. Torquato, que sem exaggerar, podemos asseverar ser uma das mais concorridas da provincia. Era enorme a multidão de gente, que ondeava pelo terreno, onde ella se faz, e mettia uma vista lindissima a variedade dos trages, e chapéos de sol. A festa foi luzidissima, e muitas irmandades da cidade podiam ir aprender alli a pompa, e magnificencia, com que se celebra uma festa solemne. A cidade despovoou-se tambem para ir á romaria. Não houve a lamentar por lá mais, que a falta d'alguns objectos empalmados pelos larapios, que sãoromeiros certos nestas romarias.

ASSASSINATO. — No sabbado passado um carreiro, que conduzia um carro de jáo, tinha apenas sabido as barreiras da cidade pela rua da Cruz da Pedra, quando lhe atiraram uma grande pedrada, que lhe amolgoou o cranio. O homem caio atordado, e os companheiros lançando-o a cima d'um carro conduziram-o por espaço de meia legua até o lugar da Magdalena, onde o sr. Padre Bernardino, ahí morador, vendo o miseravel estado, em que o homem se achava, depois de lhe prestar os possiveis soccorros espirituaes, aconse-

lhou-lhes que o trouxessem para a cidade para vêr se lhe poderiam valer.

Chegados que foram ao lugar do crime, o pobre carreiro exhalou o ultimo suspiro.

Este facto horrorizou toda a gente d'esta terra: foram geraes as imprecções contra o preverso, que arrancou a vida a um pobre homem, que vinha ganhar um mesquinho salario com que supprisse as necessidades da sua familia! E sabem qual a paixão que lhe armou a mão assassina? Foi a idéa espalhada no povo, de que não devem deixar sahir o pão; que os que o levam, lh'o roubam a elle, e o fazem lutar com a fome, e assim que são justos os meios, que empregarem para evitar a sua sahida! Estes são os raciocinios populares, e que tiveram por consequencia um crime tão revoltante!

A desgraçada victima da maior das preversidades chamava-se José Alves dos Santos, e era do lugar de Almofães, freguezia de S. Thiago da Carreira, concelho de Villa Nova de Famalicão.

QUE ZELO!... — A's 3 horas da tarde, do sabbado, estava consummado o assassinato do infeliz carreiro, perpetrado na entrada da cidade, e no meio das ultimas casas! Muita gente appareceu a vêr o infeliz; mas ninguém conheceu por lá o sr. administrador! E affirma-nos pessoa fidedigna, que os visinhos do sitio, onde se commetteu o crime, boquejavam em segredo no auctor do delicto, e que o companheiro do morto declarava conhecer o assassino, se lh'o mostrassem. No fim da tarde já ninguém sabia quem elle era!... Esta falta da auctoridade administrativa tem sido asperamente censurada por todos, e com justa causa. Nada ha, que a possa desculpar! Não seria difficil o agarrar o assassino se a auctoridade empregasse logo a sua actividade!

BUSCA. — A força do destacamento aqui estacionado, que fez a policia na romaria de S. Torquato, quando recolhia á cidade deu volta pela Cruz da Pedra e foi dar busca a casa d'um oleiro, sobre quem recahem vivas suspeitas do assassinato do carreiro. O oleiro avisado a tempo escapuliu-se por entre os campos, sem que podessem pôr-lhe a vista em cima.

CHEGADA. — Chegou no dia 2 a esta cidade o nosso patrio o sr. dr. João Vasco Ferreira Leão, delegado na comarca de Macedo de Cavalleiros. O sr. Leão dá-nos o desgosto de nos deixar cedo, pois consta-nos, que brevemente vai tomar posse do seu novo lugar.

POSSE. — No dia 4 tomou posse do lugar de delegado n'esta comarca o sr. dr. Joaquim Eduardo Pereira da Silva, que servia em Lousada identico lugar.

FERIMENTO. No dia 4 foi ferido com um tiro de clavina na estrada, que passa nas fraldas do monte de S. Bento, um cunhado do abbade de Santo Adrião de Vizella, morador no lugar do Crasto. A ferida dizem ser mortal, porque a bala entrando por cima do quadril suppõe-se ter deseido á bexiga. O ferido viu o seu assassino, mas não disse quem era. E' mister que as auctoridades dêem um dia exemplos d'energia e actividade, aliás a impunidade pôde animar os scelerados, e teremos de presenciar a cada momento factos d'esta natureza. Diligencia, diligencia!...

GOVERNADOR CIVIL DE BRAGA. —

O sr. conde d'Azenha foi hoje para Braga tomar posse do Governo Civil do districto. Foi acompanhado por grande numero de pessoas.

THEATRO. — No dia 29 do mez passado foi de novo á scena a *Virgem do Campo*, e mais occasião tivemos para apreciar as suas bellezas. O desempenho do drama correu muito melhor, que da vez primeira, e os actores foram applaudidos. No fim do drama houve differentes chamadas, lançaram-se corôas, muitos bravos, e palmas etc. Então os snrs. João Luiz Corrêa Junior, e Francisco Joaquim Moreira de Sá recitaram as duas poesias, endereçadas ao auctor, que hoje publicamos.

Terminou o espectáculo com a poesia a character — *Tentativa de suicidio* — composição do mesmo auctor, e d'onde elle extrahiu o pensamento do drama. E' um pequeno poemeto, lindissimo que os nossos leitores hão-de gostar de lêr, e que por isso transcrevemos no lugar competente.

AGRADECIMENTOS.

FRANCISCO José da Silva Basto, e seu filho Antonio José da Silva Basto, sumamente penhorados pelas demonstrações d'amizade que receberam de muitas pessoas d'esta cidade, durante a grave molestia de que o ultimo ha pouco foi acommettido, agradecem ás mesmas os seus distinctos obsequios, e lhes protestam eterna gratidão. (3)

RAIMUNDO Alvares Torres, boticario n'esta cidade de Guimarães, agradece por este meio a todas as pessoas e familias, que o procuraram durante a sua perigosissima molestia, protestando-lhe o seu eterno reconhecimento; e pede desculpa de o não fazer pessoalmente, porque o estado de impossibilidade, em que presentemente se acha, assim o permite. (4)

ANNUNCIO.

INSTITUTO BRACARENSE.

Com este titulo, o sr. J. R. Mesnier acaba de fundar na cidade de Braga um collegio para alumnos do sexo masculino. As materias d'ensino são leccionadas por professores nacionaes e estrangeiros habituados ao ensino da mocidade.

O local escolhido é muito sadio e o mais adequado para similhante instituição. E' a casa apalaçada da Madre de Deus.

As pessoas que quizerem obter o pro-

AVISO.

Todas as pessoas que quizerem assignar este periodico entregar correspondencias, annuncios, ou pagar a importancia d'assignaturas, correspondencias ou annuncios, podem dirigir-se a José Mendes Leite, á Senhora da Guia n.º 5.

RESPONSAVEL — JOSE LUIZ ALVES VIEIRA.

GUIMARÃES. — TYPOGRAPHIA VIMARANENSE.
Rua do Gado n.º 8.